



**PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**  
**Secretaria Municipal de Saúde**  
**Subsecretaria de Promoção, Atenção Primária e Vigilância em Saúde**  
**Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade**

Thayná Martins Souza Machado

**Nas encruzilhadas da dororidade, nosso reflexo no abebé de Oxum: A  
Dança do Ventre como estratégia de cuidado para mulheres em situação de  
violência**

Rio de Janeiro

2024

Thayná Martins Souza Machado

**Nas encruzilhadas da dororidade, nosso reflexo no abebé de Oxum: A  
Dança do Ventre como estratégia de cuidado para mulheres em situação de  
violência**

Trabalho apresentado como requisito para obtenção do título de Enfermeiro Especialista no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem de Família e Comunidade da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.

Orientadora: Me. Michelle A da C de Jesus

Coorientadora: Me. Thais Cristina da Silva Ramalho (em artes Thais Ayomide)

Rio de Janeiro

2024

## AGRADECIMENTOS

À espiritualidade que me empodera, me mantém de pé, me traz luz, sabedoria e expansão de consciência. À minha mãe, Rosilane, mulher inspiradora que quando criança levava seus materiais escolares em um saco de arroz e que hoje realizou seu sonho de se formar e se pós graduar em literatura, sempre me mostrando que o sucesso está na busca pelo conhecimento e pelos nossos sonhos. À meu amado pai, Alexandre, que debaixo de sol e chuva trabalhou incessantemente para que tanto eu quanto minha mãe nos formássemos, que por tantas vezes escolheu o dinheiro da minha passagem ao invés da carne da semana, que sempre dizia com muito orgulho que “um mototáxi formou uma professora e uma enfermeira”, e que ao longo da minha jornada na Residência me deixou com um vazio imensurável no coração. Ao meu irmão, Kaique, meu grande amor, que desde bebê lutou para ficar vivo e que se superou e se empoderou se tornando um grande atleta paralímpico. Sempre direi que apesar de mais velha, quando crescer quero ser como ele. Ao meu eterno companheiro e grande amigo Jerônimo, que no melhor e no pior da vida esteve ao meu lado e abraçou meus sonhos como se fossem seus.

À PREFC pela experiência, pela formação técnica, crítica e reflexiva que me ensinaram a ser Enfermeira de Família e Comunidade. Às minhas orientadoras, Michelle e Thais, que abraçaram junto a mim este desafio e que por meio das suas reflexões me ajudaram a escrever. À Rebeca e Marina, grandes amigas que tornaram a árdua jornada mais leve. Ao CMS Dr Albert Sabin, e em especial à equipe Cesário e minha querida preceptora Leila, exemplo de humanidade, de acolhimento, de grande conhecimento e experiência que me enriqueceram enquanto enfermeira e enquanto pessoa. À CF Rinaldo Delamare, especialmente na figura de Thays Conti, por me acolher em um tempo de recomeços. À equipe Canal, especialmente a minha preceptora Juliana por me transmitir tanto conhecimento e tanta segurança, me acompanhando lado a lado até o fim da jornada.

Ao CAPS III Maria do Socorro, Cap 1.0, CNAR da CF Nélio de Oliveira, Núcleo de Equidade Étnico Racial e a Coordenadoria de Diversidade Sexual, em especial o Projeto Garupa. Foi um grande privilégio estar nestes espaços durante o estágio externo.

“Arreda homem, que aí vem mulher.”

Laroyê, Maria Padilha da Estrada!

Laroyê, Sete Saias!

## RESUMO

MACHADO, Thayná Martins Souza. **Nas encruzilhadas da dororidade, nosso reflexo no abebé de Oxum: A Dança do Ventre como estratégia de cuidado para mulheres em situação de violência**: Escrivências. 2024. 38 f. Tese em Enfermagem de Família e Comunidade – Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade, Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Este trabalho tem como tema a Dança do Ventre como processo terapêutico no cuidado a mulheres em situação de violência, partindo da experiência como Enfermeira de Família e Comunidade, apresentando-se a seguinte questão de pesquisa: Como contribuir enquanto Enfermeira de Família e Comunidade para uma prática de cuidado menos fragmentada e mais criativa, de modo a trabalhar os aspectos psicossociais das mulheres em situação de violência e reconhecer as estruturas de opressão que atravessam seus corpos? O objetivo geral é relatar a experiência vivida enquanto Enfermeira de Família e Comunidade no território da Rocinha, focando no cuidado das mulheres em situação de violência, sobretudo de mulheres negras. Com objetivo específico, destaca-se apresentar a Dança do Ventre como uma perspectiva de cuidado em saúde, entendendo a arte como processo terapêutico. Trata-se de um trabalho com abordagem qualitativa descritiva escrito sob a forma de relato de experiência por meio da escrivência. O relato evidenciou o encontro a partir da dororidade, a ausência de mulheres negras em espaços de poder, o pensamento interseccional que leva a reflexão acerca das estruturas de opressão sob as quais está assentada a violência contra mulheres, sobretudo contra mulheres negras, o cuidado a partir da potência do encontro, do fazer artístico e como utilizar uma dança originalmente preta, atravessada pelo colonialismo, pelo racismo, pelo patriarcado e pelo epistemicídio para cuidar de mulheres pretas atravessadas pela violência proporcionou a elas experienciar seus corpos em um lugar de empoderamento e protagonismo.

Palavras-chave: Enfermagem de Atenção Primária; Violência contra a Mulher; Dança;

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sugestões de livros, filmes, visitas a espaços culturais e práticas artísticas para grupos de mulheres.....	30
--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

APS	Atenção Primária à Saúde
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CREMV	Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência
DEAM	Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
ONU	Organização das Nações Unidas
SUS	Sistema Único de Saúde
SUSP	Sistema Único de Segurança Pública

## LISTA DE SÍMBOLOS

% Porcentagem

## SUMÁRIO

1.	<b>AGÔ! (introdução)</b> .....	10
2.	<b>ÍMÓ: SABEDORIA E CONHECIMENTO (fundamentação teórica)</b> .....	14
2.1	<b>O Feminismo negro e a interseccionalidade</b> .....	14
2.2	<b>A mulher em situação de violência e o cuidado na APS</b> .....	17
2.3	<b>O espelho e eu: o cuidado dançante</b> .....	19
2.3.1	<b>A Dança do Ventre atravessada pelo colonialismo e pelo epistemicídio</b> .....	20
2.3.2	<b>A Dança do Ventre como estratégia de cuidado em saúde</b> .....	22
3.	<b>ENCRUZILHADAS (metodologia)</b> .....	22
4.	<b>ESCREVIVENDO (resultado)</b> .....	24
5.	<b>O ESPELHO E EU: NOSSA SEMELHANÇA MARCADA PELA DORORIDADE (discussão)</b> .....	26
6.	<b>COMEÇO, MEIO E COMEÇO (considerações finais)</b> .....	28
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	32

## 1. AGÔ! (introdução)

### Agô!

Palavra de origem iorubá usada pelos praticantes das religiões de matriz africana para pedir licença ou permissão aos seus ancestrais... poder de realização; uma vez dita e em contato com as energias do universo, ela, a palavra, mobiliza níveis profundos de comunicação entre o mundo visível e o não visível. Pedimos, portanto, permissão ancestral para fazer uso das palavras que complementarão nosso pensamento (SANTOS, Lau, 2020, p.1).

Minha motivação para este trabalho se dá por meio de minha formação enquanto profissional de Dança do Ventre, na qual atuei como professora por 2 anos e tive a oportunidade de trabalhar o autoconhecimento e o empoderamento de inúmeras mulheres através desta atividade. Além disso, enquanto enfermeira, minha formação prévia em saúde mental e atenção psicossocial me trouxe um olhar atento e cuidadoso acerca da importância de se trabalhar a singularidade e a subjetividade de cada sujeito, sobre o quanto estar no protagonismo da própria vida é terapêutico, e sobre a importância da arte e da cultura enquanto estratégias de cuidado para além das limitações do consultório. Acrescento ainda, que minha principal motivação para este trabalho se dá a partir do meu lugar de fala enquanto mulher negra que sofreu violência e teve sua experiência com o próprio corpo ressignificada através da dança.

Escrevo na primeira pessoa, alinhamento à esquerda, sem recuo da ancestralidade africana, forasteira de dentro [...], desafiando as Ciências Sociais por autodefinição e autoavaliação intelectual negra, avessa às ferramentas modernas de validação científica. [...] Movida por escrevivências, como Conceição Evaristo, proponho cantiga decolonial por razões psíquicas, intelectuais, espirituais, em nome d'águas atlânticas. Mulheres negras infiltradas na Academia, engajadas em desfazerem rotas hegemônicas da teoria feminista e maternarem a-feto, de si, em prol de quem sangra [...] (AKOTIRENE, Carla, 2018, p. 15) .

Eu, Thayná, filha de Rosilane e Alexandre, venho do lugar que tem o histórico de ter o pior IDH do estado do Rio de Janeiro. Falo de Engenheiro Pedreira, que fica dentro do município de Japeri, conhecido por ser a última estação do ramal da Supervia. Minha mãe, uma linda mulher preta, com um sorriso daqueles que ilumina tudo, trabalhava em um salão de beleza em Madureira, mas tinha o sonho de um dia fazer faculdade. Meu pai, um homem branco, não completou o ensino fundamental, e por conta da falta de escolaridade nunca conseguiu um bom emprego. Nunca tivemos casa própria, moramos com a mãe de minha mãe

até os meus primeiros 6 anos de vida, e depois moramos com a mãe de meu pai, na pequena casa onde vivi até os 20 anos de idade.

Cresci morando em uma pequena sala com meus pais, e depois também com meu irmão, pois o único quarto que tinha na casa era o de minha avó. Estrada de barro, telha de amianto, chão de cimento, paredes de tijolos, uma janela, e um calor que mal dava para suportar. Paredes estas que testemunharam múltiplas violências. Apesar dos frequentes tiroteios, que faziam a gente se jogar no chão, e dos atores armados pulando o muro da minha casa para fugir da polícia e de facções rivais, um dos episódios que mais me atravessou foi ver o soco que meu pai deu na parede em direção a própria mãe, pois quando ela bebia muito, dizia que ele era um “marginal” e um “zé ninguém”. Outro episódio marcante foi ver minha mãe chorar enquanto comia um prato de comida, pois ela sabia que cedo ou tarde aquela comida de “favor” seria cobrada.

Apesar disso, também tive boas lembranças da minha infância. Um dia, quando a novela “O Clone” estava no ar, minha mãe me trouxe lá da Saara uma roupa parecida com a da Jade e um pequeno véu estampado, que inclusive tenho até hoje, me levou até o quintal e tirou várias fotos minhas fazendo poses e movimentos com os braços. Já quando eu tinha 10 anos, vi pela primeira vez um clipe da Shakira onde ela fazia movimentos sinuosos com o quadril que me deixaram maravilhada. Tentei entender qual era a magia por detrás daqueles movimentos, e então consegui reproduzi-los.

### **Aqui meu corpo começa a contar sua própria história...**

Quando fiz 15 anos, comprei uma nova roupa de Dança do Ventre no mesmo lugar onde minha mãe foi anos atrás, criei uma coreografia e dancei em uma feirinha da escola. Ali tive a certeza de que dançar era o que eu queria fazer pelo resto da vida. Apesar do sonho dançante que me atravessava, na minha cidade não havia um lugar onde eu pudesse aprender e praticar essa arte. O município mais próximo onde havia uma professora de Dança do Ventre ficava a 40 minutos de ônibus da minha cidade, ou, se eu quisesse estar no Centro ou na Zona Sul, onde as oportunidades acontecem, uma viagem de mais ou menos 3 horas no trem da Supervia seria minha possibilidade. Além disso, o dinheiro da família era suficiente apenas para comprar comida e pagar contas. Meu sonho dançante podia esperar. Me restava vestir minha roupa e dançar.

Meu espírito jovial e boêmio queria viver de arte, de música, de dança, de poesia, queria conhecer o mundo, conquistar o impossível, mas todos me diziam que pessoas como

eu, que vem do lugar de onde vim, às vezes não conseguem realizar seus sonhos e devem se contentar a seguir o caminho que a vida permite. Meu tio, médico militar, queria me colocar no exército se eu fizesse faculdade na área da saúde. Os olhos dos meus pais brilharam com a ideia de que eu tivesse uma vida estável, e segundo eles cheia de status e poder, e então insistiram para que eu fizesse faculdade na área da saúde. Tentei vestibular para medicina por dois anos e não passei, afinal, eu era boa mesmo em artes, história e filosofia, e isso não dá dinheiro. Consegui nota suficiente para enfermagem, e mesmo sentindo que esse não era meu caminho, meu desejo de me adequar às expectativas da minha família falou mais alto do que meu sonho dançante. Assim começa minha trajetória na enfermagem.

Meu corpo foi tocado pela dança, mas também foi tocado por um estranho na rua, e depois por um professor da faculdade. Minha sexualidade reprimida e oprimida na expectativa de que eu seguisse o “fluxo normal” das coisas, arrumei meu primeiro namoradinho. Aquele jovem cavalheiro da igreja, que me enchia de declarações de amor logo começou a dizer como deveria me vestir, que tipo de música deveria escutar, como deveria me comportar e ir nos cultos com ele com a Bíblia na mão, pois eu deveria me “orgulhar de mostrar a todos que eu sou crente”, já que até então minha espiritualidade era do “diabo”.

Logo começaram as crises de ciúmes. O telefone que ele me deu tocava a cada 20 minutos: “Onde você tá?”, “Com quem você tá?”, “Eu tenho certeza que tem alguém falando com você!”. De repente me vejo isolada, sem amigos e distante da minha própria família. “Eu te humilho para depois ninguém te humilhar”, “Não quero que você vá para a faculdade, não quero que você seja melhor do que eu”.

Na tentativa de resgatar um pouco da minha identidade, decidi abandonar os alisamentos e passar pela transição capilar. Nesse momento em que meus cachos começavam a florescer por cima do cabelo que representava minha ânsia de me encaixar nos padrões, meu parceiro me mostra uma foto minha que havia em seu celular com os cabelos longos, lisos e loiros, e então me diz: “Olha! Aqui seu cabelo estava bonito. Agora tá aí essa...”

Meu corpo, antes dançante, se tornou um corpo aprisionado; minha subjetividade, antes expressada pela leveza dos movimentos, passou a ser expressada através das feridas que eu mesma provocava na busca de um alívio, ainda que momentâneo. “Você é egoísta, imatura, descontrolada. Eu vou te deixar!”. Me sentia enojada com qualquer tentativa de aproximação dele. Tentei convencê-lo de que sexo antes do casamento era pecado, mas não funcionou. Tentei simplesmente dizer “não”, mas também não funcionou. Naquela época ainda não se falava que uma mulher poderia ser estuprada pelo próprio parceiro.

Quando eu tinha a oportunidade de ficar sozinha em casa, me atrevia a vestir a minha roupa de Dança do Ventre, pegar o meu véu e dançar. Quando me olhava no espelho com aquela roupa me sentia diferente, como se emergisse uma força e um poder de dentro de mim suficiente para me fazer enfrentar o mundo. Cada movimento me fazia observar meu próprio corpo e mergulhar para dentro de mim. A leveza do véu me trazia a liberdade que eu tanto precisava. Era hora de buscar ajuda e romper com esse ciclo.

Saí de casa às 3:00 da manhã para ir no posto de saúde e consegui pegar uma senha para marcar consulta com o médico. Depois de quase 2 meses, no dia da consulta, contei para ele tudo o que estava acontecendo. Ele me prescreveu uma Fluoxetina e disse que eu iria para a fila do psicólogo, fila na qual permaneço até hoje, 10 anos depois. Meu corpo dançante se tornou corpo medicalizado, e honestamente, a medicação não trouxe benefício algum. Me restava vestir minha roupa e dançar. Quando eu dançava, eu era livre.

Finalmente consegui me libertar e seguir em frente. Me formei como enfermeira e fui para a residência de saúde mental na busca por autoconhecimento e de uma possibilidade de utilizar o fazer artístico como ferramenta de cuidado. Enquanto isso, me matriculei em uma Escola de Dança do Ventre e em 1 ano realizei meu sonho dançante de me tornar bailarina profissional e professora, e então, utilizar a dança para trazer empoderamento a cada uma das minhas alunas se tornou minha maior realização. No entanto, devido a dificuldades financeiras, início no Programa de Enfermagem de Família e Comunidade, onde passo a atuar no território da Rocinha.

Durante a residência me deparei com inúmeros atendimentos de mulheres em situação de violência, tanto física, quanto sexual, e psicológica, esta muitas vezes sequer sendo reconhecida como violência pelas usuárias. Percebi que o perfil dessas mulheres era muito semelhante: eram em sua maioria mulheres cis, negras, heterossexuais, de baixa escolaridade, sem redes de apoio, sendo o parceiro o agressor. Além disso, essas mulheres apontavam como impedimento para que elas denunciassem o parceiro e deixassem o relacionamento a falta de rede de apoio familiar, o envolvimento com atores sociais, dependência financeira/emocional e uso abusivo de álcool e outras drogas, o que as colocava em situação de extrema vulnerabilidade.

Atender essas mulheres me deixava sempre com uma grande inquietação. A sensação de que os protocolos e o atendimento no consultório não eram suficientes diante de tamanha complexidade era constante. Além disso, era nítido o despreparo da equipe, sobretudo no que tange a abordagem dos aspectos psicossociais da mulher em situação de violência, e principalmente no que se refere a ter um olhar cuidadoso para o racismo, machismo e demais

estruturas de opressão enquanto panos de fundo dessa violência. Ademais, os dados epidemiológicos alarmantes justificam a importância de um olhar aprofundado para esta temática. Minha história se encontra com a história dessas mulheres, e eu então trago para minha clínica a prática artística que um dia proporcionou o meu encontro comigo.

Nesse sentido, este trabalho tem como tema a Dança do Ventre como ferramenta de cuidado para mulheres em situação de violência, partindo da experiência como Enfermeira de Família e Comunidade, apresentando-se a seguinte questão de pesquisa: Como contribuir enquanto Enfermeira de Família e Comunidade para uma prática de cuidado menos fragmentada e mais criativa, de modo a trabalhar os aspectos psicossociais das mulheres em situação de violência e reconhecer as estruturas de opressão que atravessam seus corpos?

Espera-se que este trabalho contribua para mostrar a relevância do fazer artístico enquanto estratégia de cuidado, de promoção de redes de apoio e coletividade, bem como para mostrar a relevância de um cuidado antirracista e antipatriarcal na APS, entendendo o racismo, o machismo e as desigualdades de classe enquanto produtores de adoecimento e violência.

Este trabalho tem como objetivo geral relatar a experiência vivida enquanto Enfermeira de Família e Comunidade no território da Rocinha, focando no cuidado das mulheres em situação de violência, sobretudo de mulheres negras.

Com objetivo específico, destaca-se apresentar a Dança do Ventre como uma perspectiva de cuidado em saúde, entendendo a arte como processo terapêutico.

## **2. ÍMÓ: SABEDORIA E CONHECIMENTO (fundamentação teórica)**

“Na língua yorubá (ou iorubá), falada no oeste da África em países como Benim e em regiões da Nigéria, “Ímó” quer dizer sabedoria e conhecimento.” (JACINO, Ramatis, 2013, p.1).

### **2.1 O Feminismo negro e a interseccionalidade.**

E aí, naquele Enem, caiu Beauvoir, Simone de Beauvoir. Pudera! Eu, no nono período de direito, não sabia quem era. Eu tentava curar esse vazio de formação acadêmica ou tentava curar minhas pretas da falta de amor epidêmica? Mas, além de preta, ser burra? Não, vamos correr atrás. Mulher tem que ser inteligente, mulher preta muito mais! Mas a gente abre o livro de história e nada ali satisfaz. Não tem nenhum livro que diz que para uma preta estudar feminismo pode ser uma tarefa

infeliz. Enquanto as brancas lutavam sem medo pelo direito de trabalhar por elas, nossas bisas acordavam cedo e passavam as roupas delas, cozinhavam as comidas delas, lustravam os móveis delas e cuidavam das crianças delas. No feminismo acadêmico, um mar de ondas me levou, a sufragista veio firme, mas a minha bisavó não votou. E até hoje eu me confundo tentando entender a treta: não votou porque era mulher, ou não votou porque era preta? (NASCIMENTO, Luciene, 2021, p. 9).

No Brasil, o movimento feminista passa a ganhar força no contexto de luta contra o regime ditatorial, tendo seu cenário modificado a partir da declaração da ONU de 1975 como o “Ano Internacional da Mulher”, seguida do congresso que visava discutir o papel da mulher na sociedade brasileira, o que culminou na criação do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira. No mesmo ano, foi fundado o Movimento Feminino pela Anistia liderado por Terezinha Zerbini, no qual as mulheres exiladas retornaram ao país trazendo consigo suas experiências de modo a aproximar o movimento existente no Brasil com a visão europeia e norte-americana (PINTO, 2017).

Contudo, Lélia Gonzalez, em sua obra “Por um feminismo afro-latinoamericano” (2020) aponta que a participação das mulheres negras nos encontros e congressos era considerada “agressiva” ou “não feminista”, já que elas reivindicavam a inclusão do racismo na luta feminista, considerando ser o racismo uma estrutura de opressão assim como o sexismo.

Para a autora, apesar da relevância do feminismo no que tange às discussões sobre sexualidade, violência e direitos reprodutivos, o movimento feminista brasileiro não deixou de reproduzir o “imperialismo cultural” do movimento europeu/americano, na medida em que muitas feministas brancas adotavam uma postura elitista e discriminatória em relação às mulheres negras.

Em um relato de uma das suas companheiras do Coletivo de Mulheres Negras Nzinga, Lelia cita que durante a reunião na qual seria definido o nome daquela que representaria o movimento de mulheres no comício das Diretas no Rio de Janeiro: “uma militante feminista branca, não aceitando a indicação de uma mulher negra e favelada, declarou com todas as letras que mulher de bica d’água não pode representar as mulheres” (GONZALES, 2020).

Em concordância com Lélia González, Djamila Ribeiro (2016), expõe que a invisibilidade da mulher negra tanto dentro da pauta feminista quanto no movimento negro faz com que suas questões sequer sejam nomeadas, e conseqüentemente, não sendo possível pensar em estratégias de emancipação para elas.

De acordo com a filósofa, o silenciamento da mulher negra também é uma ideologia, e considerando o legado de tantas outras feministas negras como Bell Hooks,

Angela Davis, Audre Lorde e Alice Walker no que se refere à quebra do silêncio como estratégia de sobrevivência da mulher negra, é mais do que necessário “enegrecer o feminismo” (CARNEIRO, Sueli, 2020, p.3).

De acordo com Sueli Carneiro (2020), para as mulheres negras se impõe uma perspectiva feminista na qual o gênero é uma variável teórica, porém é necessário considerar que a luta das mulheres não deve ser apenas pela superação da histórica hegemonia masculina, mas também pela superação de outras estruturas de opressão.

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis [...] Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca[...] Quando falamos que a mulher é um subproduto do homem, posto que foi feita da costela de Adão, de que mulher estamos falando? Fazemos parte de um contingente de mulheres originárias de uma cultura que não tem Adão. Originárias de uma cultura violada, folclorizada e marginalizada, tratada como coisa primitiva, coisa do diabo, esse também um alienígena para a nossa cultura (CARNEIRO, Sueli, 2020, p.2).

Dessa forma, tomando como base o pensamento da feminista negra norte-americana Patrícia Hill Collins, Sueli Carneiro (2020) elenca temas fundamentais que caracterizam o ponto de vista do feminismo negro: o legado da história de luta das mulheres negras, o combate aos estereótipos, e principalmente, a abordagem interseccional entre gênero, raça e classe. Carla Akotirene (2018) aponta que o pensamento interseccional é uma herança ancestral, trazendo o discurso de Sojourner Truth, mulher negra escravizada que se tornou oradora, proferido em 1891 na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, como pioneiro na articulação entre gênero, raça e classe, bem como no questionamento da mulher universal:

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, que é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal e que elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também agüentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? (RIBEIRO, Djamila, 2016, p. 100).

No período pós-colonial, apesar do conceito de interseccionalidade ter sido cunhado

apenas em 1989 por Kimberlé Crenshaw, Angela Davis, em 1981, já trazia em sua obra “Mulheres, raça e classe” a indissociabilidade das estruturas de opressão (RIBEIRO, 2016).

Da mesma forma, Lélia González, em “A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica” (2020) já afirmava que ser mulher e negra no Brasil é ser alvo de “tripla discriminação”, já que tanto o racismo, quanto o sexismo e a desigualdade de classe a coloca sob o nível mais alto de opressão e violência.

Carla Akotirene (2018, p. 17) aponta que “é da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade”. Dessa forma, torna-se imprescindível analisar todos os sentidos para a compreensão das mulheres negras na sua diversidade de gênero, classe, sexualidade, e dos saberes acumulados em seus corpos e subjetividades (AKOTIRENE, 2018).

## **2.2 A mulher em situação de violência e o cuidado na Atenção Primária à Saúde.**

No dia 15 de dezembro de 2024, Eduarda Ferreira Soares, uma mulher negra de 26 anos, foi morta a facadas na Praça Tiradentes pelo ex-companheiro. A mãe de Eduarda conta que a filha tinha medida protetiva contra ele, porém a medida não foi efetiva. Apenas 4 dias depois, Cristiane Valentim, mulher negra de 42 anos, também foi morta a facadas pelo ex-companheiro na Baixada Fluminense, tendo seu corpo jogado em um rio. Em 13 de julho de 2024, Maria Luiza Alves foi vítima de agressão, racismo, xenofobia e lesbofobia em um ônibus de Santa Cruz enquanto ia para o trabalho. A vítima gravou o agressor chamando-a de “macaca”, “sapatão” e “paraíba”, inclusive tendo colocado-a para fora do ônibus. Segundo a vítima, ninguém a ajudou. (CNN Brasil, 2024 a; CNN Brasil, 2024 b; UOL, 2024)

Para além das notícias apresentadas, as Notificações de Violência Interpessoal e Autoprovocada segundo painel epidemiológico do EpiRio, apontam que ano de 2023 foram notificados 18.452 casos de violência contra mulheres comparados a 5.174 casos de violência contra homens. Já no ano de 2024 foram notificados 20.818 casos de violência contra mulheres comparados a 5.885 casos de violência contra homens. Quem seriam esses homens notificados? Brancos, cisheterossexuais, de classes mais altas, ou pretos, pobres e LGBTQIAP+?

No que se refere ao território da Rocinha foram notificados 313 casos de violência contra mulheres, sendo 66,32% dos casos contra mulheres negras. Vale ressaltar que estes dados são referentes à mulheres cis, não existindo no painel dados referentes à população trans, o que contribui para a invisibilização desta população e dificulta a formulação de políticas públicas que garantam sua proteção, cidadania e direitos (EPIRIO, 2025).

A Convenção de Belém do Pará, de 1994, apresentou pela primeira vez uma definição formal acerca da violência contra a mulher, definindo este termo como qualquer ato baseado no gênero que cause dano, morte, sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, na esfera pública e privada, enfatizando que tais violências constituem violações de direitos humanos e grandes obstáculos para o exercício pleno da cidadania (GUIMARÃES e PEDROSA, 2015).

Contudo o que se identificava no Brasil, apesar do país ser signatário desta e de outras convenções, ainda era uma ineficiência de legislações e políticas públicas que conseguissem lidar com a complexidade e a gravidade que envolve a violência contra a mulher. Esta ineficiência gerou nos movimentos feministas e de mulheres uma grande mobilização, que teve como um de seus principais resultados a promulgação da Lei Maria da Penha, a Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006 (GUIMARÃES e PEDROSA, 2015).

O nome desta lei é uma homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, biofarmacêutica e ativista que foi espancada cotidianamente pelo marido durante 6 anos de casamento, na década de 80. Maria da Penha também foi vítima de tentativa de feminicídio por duas vezes, tendo a primeira tentativa sido por arma de fogo, a deixando paraplégica, e a segunda por eletrocussão e afogamento. Ela denunciou o marido, que ficou preso 2 anos em regime fechado após 19 anos de julgamento, e então, Maria levou o seu caso para as Nações Unidas, o que tencionou o governo brasileiro a ter um olhar atento para a temática da violência contra a mulher (ROMAGNOLI, 2015).

A Lei Maria da Penha altera o Código Penal brasileiro ao transformar a violência contra a mulher de infração de menor potencial ofensivo para crime, além de ampliar o conceito de violência para além da agressão física, trazendo também os conceitos de violência psicológica, moral, sexual e patrimonial. Ademais, aponta para a criação de um aparato institucional para a proteção da mulher, como as Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (DEAM), os Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência (CREMV), as Casas Abrigo e os serviços de saúde especializados para o atendimento das mulheres em situação de violência (LISBOA e ZUCCO, 2022).

No que se refere à assistência à saúde, em 12 de junho de 2024 foi promulgada a Lei 14.887, que altera o Art 9º da Lei Maria da Penha ao afirmar que:

A assistência à mulher em situação de violência doméstica e familiar será prestada em caráter prioritário no Sistema Único de Saúde (SUS) e no Sistema Único de Segurança Pública (Susp), de forma articulada e conforme os princípios e as diretrizes previstos na Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993 (Lei Orgânica da Assistência Social), e em outras normas e políticas públicas de proteção, e emergencialmente, quando for o caso (BRASIL, 2024, p. 1).

Nesse sentido, o SUS ocupa um lugar de destaque na abordagem e no cuidado às mulheres em situação de violência, sendo a Atenção Primária à Saúde a ordenadora da rede e coordenadora do cuidado (BRASIL, 2011).

A Atenção Primária à Saúde (APS) pode ser considerada como a principal porta de entrada para o acolhimento de mulheres em situação de violência, sendo um espaço privilegiado principalmente pelo vínculo construído com as usuárias e pela proximidade com o território, o que facilita a abordagem tendo em vista a promoção, prevenção e recuperação de agravos à mulher que sofre violência, tendo como princípios norteadores o acolhimento, a escuta qualificada, a educação em saúde, entre outros (SILVA e RIBEIRO, 2020).

Nesse contexto, o enfermeiro ocupa um papel de destaque no acolhimento dessas mulheres, realizando ações de escuta, acolhimento, encaminhamentos, prescrição de medicamentos, notificação e orientações (SILVA e RIBEIRO, 2020). No entanto, ainda é comum o sentimento de despreparo e insegurança por parte dos profissionais da APS na identificação e abordagem das mulheres em situação de violência, constituindo-se como maiores obstáculos o reducionismo das necessidades em saúde às patologias e questões estruturais dos serviços relacionadas ao tempo de atendimento, protocolos, falta de segurança, de fluxos claros, de treinamento, de trabalho em equipe e desconhecimento da rede intersetorial (MACHINESKI, 2023).

Além disso, o estudo de Silva e Ribeiro (2020) aponta que para os enfermeiros e enfermeiras da APS reconhecer e trabalhar sentimentos como medo e dependência emocional, bem como situações de dependência financeira dessas mulheres é uma grande dificuldade, sendo necessário levá-las a refletir sobre suas vidas e incentivá-las a buscar o empoderamento e o resgate da autoestima.

Nesse sentido, é necessária a oferta de um cuidado não fragmentado que considere a mulher em sua totalidade e singularidade, sendo o fazer artístico um grande recurso terapêutico capaz de fortalecer o vínculo entre profissional e paciente, assim como permitir a expressão de subjetividades que nem sempre são possíveis de serem expressadas verbalmente. Visando a promoção da saúde, diversas formas de expressão artísticas podem ser utilizadas como a pintura, modelagem, escultura, poesia, desenho, decoração, filme, teatro, música e dança (JANSEN et al, 2021).

### **2.3 O espelho e eu: o cuidado dançante**

A dança que é corpo, movimento, matéria, raiz, mente, espiral, círculo, infinito e a rotação da Terra em seu próprio eixo e ao redor do sol. A dança que faz com que eu me expresse, me revele, me experimente e cave um buraco sem fundo dentro de mim. A dança que me deixa em paz em plena agonia e me liberta do caos das descargas elétricas existentes entre os meus neurônios; é a mesma dança que é realizada quando se produz música ou mesmo quando a escutamos. A música é pulsão que revela a minha presença, que simula as batidas do meu coração, que flui como o sangue em minhas veias, que me conecta com a minha ancestralidade, me move como água na correnteza, que às vezes é brava e arrasta tudo o que lhe atravessa mas também sabe ser mansa e acaricia tudo que a penetra, que me faz passar por louca e me enche de emoção (RIBEIRO, Thaismary Neri dos Santos, 2020, p. 23).

A dança e a música são expressões da nossa criatividade e estão presentes em cada gesto, em cada aspecto de nossas vidas (RIBEIRO, 2020). Elas podem atuar tanto como facilitadores de um processo de interiorização e profunda conexão consigo e com o divino, quanto como uma fuga da realidade, a saída de si e o escape do mundo em direção a uma outra vivência (DIB, 2010).

A dança expressa a singularidade do corpo, com todas as suas marcas, histórias, saberes, emoções, traumas e subjetividades, bem como expressa a forma do corpo se relacionar com o mundo (RIBEIRO, 2020). A dança tem sido abordada em diversas pesquisas em decorrência do seu efeito terapêutico (LEITE e SEIBT, 2022). A dança se manifesta em uma dimensão existencial, e “por ser uma forte canal de comunicação e interação com o mundo, a individualidade de cada pessoa que dança se expressa e se (re)cria, em processo de constante mudança” (BAPTISTA, 2018).

No que se refere à Dança do Ventre, Baptista (2018) aponta em suas pesquisas para o uso frequente da palavra “liberdade” associada à motivação das mulheres em iniciar essa prática.

### **2.3.1 A Dança do Ventre atravessada pelo colonialismo e pelo epistemicídio.**

A narrativa mais difundida acerca da origem da Dança do Ventre é a de que esta é uma “prática milenar”, associada a rituais de fertilidade e culto às Deusas do Egito e Mesopotâmia. No entanto, não existe embasamento histórico e científico que possa comprovar tal discurso. Compreende-se que a narrativa mítica que envolve a Dança do Ventre é extremamente popular no imaginário das bailarinas ocidentais por representar, ainda que inconscientemente, um contraponto nobre, que ressalte a sua significância como uma dança feita por e para mulheres, ao real contexto histórico colonialista, racista e patriarcal que atravessa essa prática (ASSUNÇÃO, 2022).

Vale ressaltar que a ausência de embasamento histórico sobre as origens dessa dança

muito tem a nos dizer sobre o epistemicídio. Sueli Carneiro (2005) define o epistemicídio como um dos elementos que constituem o dispositivo do biopoder, sendo um dos mecanismos mais eficazes de dominação étnico-racial. Essa dominação se dá principalmente pelo apagamento e deslegitimação de saberes, memórias, costumes e corpos de povos afro-indígenas, indígenas, africanos, ciganos, entre outros povos colonizados (FÉLIX e GOMANE, 2023).

A colonização europeia na África e na Ásia nos séculos XVIII e XIX culminou na transformação da realidade material e da dinâmica cultural dos povos colonizados, o que o teórico palestino Edward Said (1990) chamou de “orientalismo” (ASSUNÇÃO, 2021). Said (1990), define o orientalismo como uma visão do Oriente construída a partir da concepção do colonizador, tanto no âmbito político e econômico quanto no âmbito cultural. Um exemplo disto foi a produção artística europeia no século XIX, retratando paisagens bucólicas, ambientes internos com tecidos exóticos, animais fantásticos, haréns com mulheres nuas e em um lugar de servidão sexual (ASSUNÇÃO, 2021; DIB, 2011).

No cenário egípcio, ainda no século XIX, havia ao menos três grupos de profissões associadas à dança e ao entretenimento: as *ghawazee*, dançarinas públicas oriundas de povos ciganos que se apresentavam nas ruas e festividades populares, as *awálim*, dançarinas que se apresentavam nos haréns das classes mais altas e tinham um treinamento mais sofisticado de canto e recitação do Alcorão, e por fim, os *Khawalat*, dançarinos homens que performavam de forma semelhante às *ghawazee* (ASSUNÇÃO, 2021).

A dança desses povos foi se transformando e sendo atravessada pela apropriação e exotificação oriundas da colonização europeia e estadunidense, bem como pelas mudanças na dinâmica do próprio Egito. Isso se deu tanto pelo avanço das representações orientalistas na pintura, dança e literatura, mas principalmente a partir das feiras “universais” que promoviam a exposição de dançarinas do Norte da África e de outras regiões colonizadas para “zoológicos etnográficos”, criados para comparar o desenvolvimento industrial e cultural europeu e americano com a “primitividade” e “exoticidade” dos povos colonizados. A partir deste período, os franceses denominaram a dança desses povos de: *danse du ventre*, o que culminou no que conhecemos hoje como Dança do Ventre (ASSUNÇÃO, 2021).

Vale ressaltar também, que o processo de apropriação cultural por parte da “cultura universal” eurocêntrica culminou no embranquecimento do passado egípcio e no apagamento do papel da população preta e parda subsaariana e norte-africana na construção do Estado egípcio em distintos momentos da sua história (ASSUNÇÃO, 2022).

Da mesma forma, as concepções orientalistas acerca da mulher oriental e da sua dança

se perpetuam até os dias atuais no que refere à sexualização desses corpos dançantes (RIBEIRO, 2020).

### **2.3.3 A Dança do Ventre como estratégia de cuidado em saúde.**

A Dança do Ventre possibilita a construção de uma nova identidade corporal, na medida em que parte de um inicial estranhamento de si seguido de um processo de reconstrução e afirmação do “eu” para além das mudanças físicas provocadas pela atividade propriamente dita (ALLEONI, 2013).

Outros discursos apontam que a sensualidade e o erotismo despertam a descoberta da feminilidade e estimula a desconstrução de estigmas que sexualizam essa prática, empoderando a mulher do seu próprio corpo e dando a ela o direito de usar sua sensualidade quando e como quiser (RAPOSO, 2013; BAPTISTA, 2018).

Moe (2012) organizou os benefícios da Dança do Ventre para as mulheres em quatro eixos temáticos: a cura, a irmandade, o empoderamento e a espiritualidade.

Silva (2015) aponta a Dança do Ventre como estratégia de cuidado para mulheres mastectomizadas, reforça que a dança promove o resgate da vivência com o corpo bem como o alívio das dores, melhora do condicionamento físico e melhora da autoimagem e da autoaceitação das mulheres (SILVA, 2015).

Da mesma forma, a compreensão da ancestralidade que envolve a Dança do Ventre pode fortalecer o feminino por meio do encontro de mulheres, da coletivização das experiências, do autoconhecimento e da valorização do corpo. Assim, quando refletida sob uma perspectiva política, a Dança do Ventre também pode favorecer o engajamento de mulheres na luta contra as mais diversas formas de opressão (SILVEIRA, 2017).

### **3. ENCRUZILHADAS (metodologia)**

“Nas encruzilhadas estão os partilhamentos de saberes e suas possibilidades.” (SILVA, 2021, p.1).

Trata-se de um trabalho com abordagem qualitativa descritiva, na medida em que representa “um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO,

Maria Cecília de Souza, 2002, p.21), escrito sob a forma de relato de experiência por meio da escrevivência.

Na concepção de Conceição Evaristo (2020), a escrevivência é um ato de escrita das mulheres negras que busca romper com o silenciamento que atravessou seus corpos e subjetividades ao longo de toda a história. Dessa forma, se no passado nem a voz pertencia a mulher negra, hoje a escrita a pertence também. Além disso, para a pensadora, a escrevivência não é um ato de contemplação, e sim resultado de uma profunda inquietação que abrange a observação e a absorção da vida e da existência.

A Escrevivência não é domínio do mundo, é a interrogação que busca a inserção no mundo a partir das vidas que o próprio mundo desconsidera (EVARISTO, 2020).

Bispo (2023) ao refletir a obra de Conceição Evaristo, aponta a escrevivência como um dispositivo que possibilita:

Trazer para o primeiro plano as temáticas do racismo e do sexismo; efetuar esse movimento de forma contextualizada geopoliticamente; contrapor-se a objetificação das pessoas negras, especialmente das mulheres, com espaços de produção de saber por elas sustentados; resgatar vozes e memórias silenciadas, recalçadas pelos discursos dominantes; e escutar as experiências vividas e as subversões subjetivas e políticas do inconsciente, que se contrapõem aos enquadres coloniais do saber e do ser (BISPO, Fábio Santos, 2023, p. 1).

Escrevivência é uma escrita poética e crítica de si, em primeira pessoa. Uma história autorreferenciada, porém nada narcisista, já que essa autoinscrição permite “que a história seja recontada por outras pessoas, cuja experiência da vida e do mundo são experiências intensas recolhidas na violência e nas alegrias do cotidiano” (BISPO, 2023 apud RIBEIRO, 2022).

Neste trabalho a história será contada a partir de minha experiência ao trazer a vivência no planejamento e execução de uma ação coletiva, de um dia, no cuidado às mulheres em situação de violência utilizando a Dança do Ventre como estratégias para o desempenho da minha prática clínica como Enfermeira de Família e Comunidade, no território da Rocinha.

A experiência relatada é uma história construída por toda uma coletividade.

A Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade (EVARISTO, Conceição, 2020, p. 35).

Vale ressaltar que por se tratar de uma perspectiva pessoal, não houve necessidade de inserção no CEP, correspondendo assim aos aspectos éticos de pesquisa.

#### **4. ESCREVIVENDO** (resultados)

No dia 8 de março, o dia internacional da mulher. A unidade estava toda adornada, e na programação, o tema da violência contra a mulher era o carro chefe das salas de espera. As mulheres estavam todas ali no corredor esperando para serem atendidas. Mulheres pretas sentadas, ouvindo a assistente social branca falar sobre violência, para depois entrarem no consultório e serem atendidas por médicos brancos ou por enfermeiras também brancas.

As residentes foram convocadas a pensar em alguma ação para este dia, e imediatamente propus fazer uma atividade de Dança do Ventre com as mulheres em parceria com a Academia Carioca.

No dia da ação, a quadra do território estava cheia. As alunas da Academia Carioca já estavam todas lá, aquecidas no ritmo da música. O profissional de educação física anuncia minha chegada, e eu então me coloco diante daquela multidão de mulheres, negras e em sua maioria, idosas.

Reconheci algumas daquelas mulheres dos atendimentos no consultório. Quem eram elas? Hipertensas, diabéticas, com queixas de dores crônicas, ansiedade, depressão, mães, esposas, trabalhadoras, que tinham também em comum a abdicação do cuidado de si em prol do cuidado do outro. Meu objetivo? Promover saúde trazendo leveza, movimento e ludicidade para realidades de vida tão duras.

Primeiro, uma música mais lenta, para juntas criarmos linhas sinuosas com nossos corpos. É interessante trazer o significado da palavra “sinuosa”: “curva”. Era justamente essa a ideia: fazer uma curva, um desvio de volta para si. Com a música mais agitada, movimentos de batidas de quadril e movimentos vibratórios. A dona Maria, que está sempre se queixando de dores nos joelhos, adquirida das décadas em que trabalhou em “casa de família”, conseguiu se soltar e vibrar como ninguém.

Elas pareciam estar tão imersas naquele momento, que me pediram para não parar a música para explicar os movimentos. Aqueles corpos negros ansiavam por expressar-se. Imediatamente acolho o pedido delas, afinal, elas eram as grandes protagonistas daquele momento. No final da atividade, uma grande salva de palmas e um lindo sorriso se sobrepondo às expressões cotidianas de dor e sofrimento no rosto de cada uma delas. A sala de espera tem

o seu valor, mas convenhamos que a produção de vida está no movimento, e acolher e promover saúde produzindo vida me pareceu ser muito mais potente.

Algum tempo depois, quando eu estava atuando já em outra unidade, a preceptora comenta sobre o grupo de mulheres que ela fazia junto com assistente social da equipe E-multi. O grupo era voltado para mulheres em situação de violência ou com agravos em saúde mental, e juntas, essas mulheres faziam passeios pela cidade, rodas de conversas sobre variados temas, atividades voltadas para o autocuidado e construíam uma sólida rede de apoio mútua.

Com o passar do tempo esse grupo foi se esvaziando, não pela perda do interesse das participantes ou por quaisquer outras circunstâncias negativas, esse grupo se esvaziou porque essas mulheres começaram a reconquistar seus espaços, se inserindo no mercado de trabalho, voltando a estudar e saindo do território. A preceptora então me diz que estava pensando em alguma estratégia para reavivar este grupo e construir um novo coletivo, e eu já tinha uma estratégia na ponta da língua: “poderíamos re-inaugurar o grupo com uma atividade de Dança do Ventre”.

Divulgamos os convites nas redes sociais da unidade, todas esperávamos com muita expectativa pelo dia do reavivamento do grupo de mulheres.

Chegado o grande dia, recebo com alegria as mulheres que iriam compor aquele novo coletivo. Mulheres idosas, jovens, negras e brancas buscavam ali um espaço de acolhimento e cuidado. Antes de iniciar a atividade, tenho uma breve conversa com elas para conhecê-las um pouco mais e explicar o objetivo da atividade.

Muitas dessas mulheres vieram do Nordeste, muitas atravessadas pela violência perpetrada pelos parceiros, ou em sofrimento pela sobrecarga provocada pelas condições precárias de trabalho somadas ao cuidado dos filhos e da família. A princípio tímidas, elas disseram que não sabiam dançar.

Me saltou aos olhos uma mulher que estava com o corpo todo coberto, num calor de quase 40° graus, calada, encolhida. Ela disse que ia só ficar sentadinha olhando. A preceptora e a assistente social que já a conheciam, disseram que aquele corpo estava coberto para esconder as marcas das agressões que sofria e que ela também provocava a si mesma. Digo a elas que o objetivo de estarmos juntas ali não era para saber dançar, e sim para usar a dança como um momento de conexão com nossos corpos e subjetividades, e então elas se encorajam a vivenciar o novo.

De frente para o espelho, elas observam atentamente suas mãos e braços cansados e sobrecarregados flutuando sob as ondas produzidas por cada movimento. Escolho uma música

especial e trabalho com elas uma pequena coreografia. De frente para o espelho, elas se vêem vibrando e ressoando na frequência dos movimentos, emoldurando seus corpos, movimentando os quadris, girando para um lado, girando para o outro.

E então eu percebi que aquela mulher antes encolhida, coberta e contida estava sorrindo e levantando a blusa, expondo o seu ventre dançante.

Ao fim da atividade, vários abraços calorosos me envolveram, e eu mal podia esperar para ouvir como aquelas mulheres estavam se sentindo. “Você não tem osso, menina?”; “Estou muito feliz!”; “Me senti poderosa!”.

E então aquela mulher antes encolhida, coberta e calada se põe a falar: “Quando você colocou a música, eu lembrei do ‘O Clone’. Essa foi a época em que meu filho nasceu. Quando eu ouvi a música e dancei, me lembrei do momento mais importante da minha vida”.

Nesta semelhança percebo nosso encontro a partir da DORORIDADE.

## **5. O ESPELHO, EU E VOCÊ: NOSSA SEMELHANÇA MARCADA PELA DORORIDADE (discussão)**

Minha história se encontra com a história dessas mulheres através da dororidade. Não sororidade, conceito tão popular dentro do movimento feminista que fala da irmandade que une as mulheres.

Para Vilma Piedade (2018) o conceito de sororidade não dá conta da “pretitude”. Para a autora, a dororidade vai além da dor provocada pelo machismo que atravessa todas as mulheres, pois para as mulheres negras existe uma dor que só elas conhecem e que as une: a dor provocada pelo racismo, pelo silenciamento histórico, pela invisibilidade, pela ausência, inclusive nos espaços de poder.

Sueli Carneiro (2009) traz em sua obra “Mulheres negras e poder: um ensaio sobre a ausência” que a relação entre a mulher negra e os espaços de poder é praticamente inexistente. Como exemplo dessa ausência está a falta da “pretitude” entre os profissionais, sobretudo da gestão e da equipe técnica nas unidades de saúde do SUS, que atende uma população majoritariamente preta. Como seria se aquelas mulheres negras da sala de espera estivessem ouvindo uma assistente social negra falar sobre violência? E se essas mulheres negras fossem atendidas por médicas e enfermeiras também negras?

Refletir sobre quem são essas mulheres e os atravessamentos que perpassam seus corpos me leva a pensar na violência para além dos conceitos já conhecidos. Afinal, durante

minha trajetória cuidando dessas mulheres na Atenção Primária percebi um grande adoecimento provocado não só pela violência doméstica, psicológica, patrimonial ou institucional, mas principalmente pela precarização das relações de trabalho, o que me levou a encontrá-las tanto no consultório, quanto na Academia Carioca e no grupo de mulheres.

De acordo com Passos (2020), a divisão social, racial e sexual do trabalho vai colocar as mulheres negras nos trabalhos mais subalternos, com as piores remunerações e principalmente exercendo trabalhos domésticos e voltados para o cuidado.

Considerando que as mulheres negras ocupam a base da pirâmide social devido a intersecção entre o racismo, o capitalismo e o patriarcado, penso que tais estruturas podem ser consideradas por si só uma violência, sendo primordial decolonializar e racializar o cuidado dessa população (RODRIGUES e BATISTELLI, 2021), indo na contramão do “cuidado colonial” que ainda prevalece (PASSOS, 2020).

Nesse sentido, trazer para a minha prática uma dança originalmente preta, atravessada pelo colonialismo, pelo racismo e pelo patriarcado para cuidar de mulheres pretas mostra a potência desse encontro, da perspectiva de um cuidado decolonial, antirracista e antipatriarcal que produz vida.

A expressão corporal como movimento central da vida, produzida através dos movimentos vibratórios que soltaram os joelhos adoecidos e sobrecarregados da “dona Maria”, dos sorrisos se sobrepondo às expressões de sofrimento, na fluidez das mãos, dos giros, molduras, sinuosidades e no despertar de memórias afetivas que nos permitiram encontrar o ventre dançante daquela mulher antes encolhida, coberta e silenciada pela violência.

Esta reflexão dialoga com o pensamento de Leite e Seibt (2022) na medida em que para os autores, através da Dança do Ventre é possível trabalhar a fluidez do corpo e construir formas de “dançar a própria vida” (LEITE, Ana Paula Chagas Monteiro e SEIBT, Cezar Luíz, 2022, p. 24)

O movimento dançado não é um ato mecânico ou racionalizado: é fluidez. Expressa o próprio corpo, que traz em si todas as experiências já vividas na relação indivíduo-mundo. Entendemos, neste caso, a dança como uma potência de criação [...]. É uma linguagem de expressão que deixa fluir e resgata as conexões corporais originárias consigo e com o mundo. Além do movimento, há a experiência da música, que é única [...], experimentada a partir da própria biografia e vivência (LEITE, Ana Paula Chagas Monteiro e SEIBT, Cezar Luíz, 2022, p. 24).

Além disso, para Silveira (2017), a Dança do Ventre traz consigo uma grande ancestralidade, sentidos e significados que favorecem a vivência do feminino de forma coletiva, através do encontro e da criação de espaços que “favorecem a valorização do corpo

enquanto lugar de reflexão e engajamento na luta contra as opressões” (SILVEIRA, Marília Balbi, 2017, p. 6).

De frente para o espelho, temos um coletivo de mulheres majoritariamente negras, unidas pela dororidade, experienciando e se apropriando de seus corpos não mais a partir do silenciamento, da ausência, do adoecimento e da violência.

Falando em ancestralidade e em espelho, Ora Iê Iê Ô, mamãe Oxum! A Deusa das águas doces e “mensageira política das reivindicações das mulheres” (AKOTIRENE, Carla, 2018, p.21) muito tem a acrescentar nesta reflexão. Contam os itans africanos que durante as batalhas Oxum posicionava seu abebé (espelho) contra o sol, ofuscando a visão de seus inimigos e saindo vitoriosa. Apenas com um espelho na mão, Oxum vence uma guerra (SOUSA, 2024). O abebé de Oxum pode ser compreendido como uma “ferramenta interpretativa a ser utilizada por mulheres negras na diáspora” (SOUSA, Jaqueline Silva, 2024 apud FERNANDES, Hildália, 2017, p.4), e que ao ter a nossa imagem refletida nessas mulheres podemos encontrar umas às outras e reverter estigmas.

Dessa forma, olhando-se no espelho enquanto dançavam, aquelas mulheres encontraram umas com as outras, viram na imagem refletida sua identidade, sua ancestralidade, toda a potência e vida que pulsa dentro de cada uma, ofuscando o silenciamento e a dor que atravessa seus corpos e subjetividades.

“Olhar-se no espelho em uma sociedade que negativa o corpo negro requer coragem, coragem para romper com estereótipos e reconhecer a sua identidade, sua beleza e sua potencialidade” (SOUSA, Jaqueline Silva, 2024, p.4).

## **6 - COMEÇO, MEIO E COMEÇO (considerações finais)**

Finalizo minha escrevivência citando Nêgo Bispo (2018): **“somos começo, meio e começo”**.

### **No começo**

Há a quebra do silêncio como estratégia de sobrevivência e resistência. Meu corpo dançante começa a contar a sua própria história, a partir dessa história, se mostra o cenário de violência e de opressão que atravessa os corpos e subjetividades das mulheres negras. Se apresentam as minhas inquietações ao cuidar das mulheres aqui citadas, enquanto Enfermeira de Família e Comunidade na favela, principalmente diante da insuficiência dos protocolos e

fluxogramas, e do despreparo das equipes ao lidar com o sofrimento delas. Encontro ados epidemiológicos que evidenciam a importância de interseccionalizar as discussões sobre violência e racializar o cuidado no SUS.

### **No meio**

Nas encruzilhadas da Dororidade, me encontro com essas mulheres violentadas não só fisicamente, psicologicamente, moralmente ou institucionalmente. O pensamento interseccional me fez refletir que as violências aqui apresentadas estão assentadas sob estruturas que por si só constituem-se como violentas, e que por isso irão posicioná-las sob o mais alto nível de opressão. Nível este que se manifesta, por exemplo, no adoecimento provocado pela precarização das relações de trabalho, pois ao longo do caminho atendi muitas “Marias” em sofrimento após passarem 20, 30, ou até mesmo mais de 40 anos trabalhando em “casa de família”.

Na contramão do cuidado colonial, cuido dessas “Marias” e de tantas outras mulheres negras, pobres e faveladas através do encontro. Trago para a minha clínica o fazer artístico que um dia proporcionou meu encontro comigo, e a partir da potência desse encontro essas mulheres deixam de ser “pacientes” da unidade de saúde e passam a experienciar seus corpos em um lugar de protagonismo e empoderamento.

Cuidar e acolher essas mulheres a partir da Dança do Ventre fez com que eu também me sentisse cuidada e acolhida. Cada abraço, cada sorriso, cada palavra delas me retirou do cenário endurecido do consultório, dos protocolos, das burocracias, e da imensidão de demandas e me levou para um lugar de reflexão no qual através da dança me vejo trabalhando promoção em saúde, produção de vida, de coletividade, de acolhimento e redes de apoio, práticas clínico-políticas essenciais da Atenção Primária da qual tanto estamos nos afastando.

### **No começo de novo**

De volta ao começo, mais reflexões e novos questionamentos. Penso que a Enfermagem tem por essência o cuidado através da intervenção no corpo do outro. Mas de que forma estamos fazendo essa intervenção? Medicalizando? Fragmentando? Reduzindo? Assumindo um lugar de saber e poder sobre o corpo do outro que não nos pertence?.

Enquanto bailarina e Enfermeira de Família e Comunidade, minha intervenção nos corpos e subjetividades de mulheres em situação de violência, sobretudo de mulheres negras

através da Dança do Ventre é interseccionalizar e decolonializar o cuidado, garantir para nós o protagonismo, o resgate das memórias afetivas que trazem sentido à vida, a produção encontros com o outro e sobretudo, consigo mesmas, e por fim, foi colocar-nos diante do abebé para que na imagem refletida seus corpos possam contar uma nova história.

No quadro abaixo deixo algumas sugestões de livros, filmes, visitas a espaços culturais e práticas artísticas que podem ser adotadas principalmente nos grupos de mulheres para inspirar e estimular uma Enfermagem de Família e Comunidade criativa, antirracista, que sabe acolher e cuidar das subjetividades e dos aspectos psicossociais das mulheres em situação de violência, sobretudo das mulheres negras.

**Quadro 1:** Sugestões de livros, filmes, visitas a espaços culturais e práticas artísticas para grupos de mulheres.

<p style="text-align: center;"><b>Livros</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Empoderamento (2019): Joice Berth;</li> <li>- E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismos (2019): Bell Hooks;</li> <li>- Luta antimanicomial e feminismos: Inquietações e resistências (2019) - Melissa de Oliveira Pereira &amp; Rachel Gouveia Passos;</li> <li>- Pele negra, máscaras brancas (2008) - Frantz Fanon;</li> <li>- Uma história feita por mãos negras (2021) - Beatriz Nascimento;</li> <li>- Por um feminismo afro-latinoamericano (2020) - Lélia Gonzalez.</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Filme</b></p>	<p style="text-align: center;">Nise: O coração da loucura (2015)</p>
<p style="text-align: center;"><b>Espaços culturais para visitar</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Roteiro Pequena África;</li> <li>- Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira;</li> <li>- Museu de Imagens do Inconsciente;</li> <li>- Museu Bispo do Rosário</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Práticas artísticas para adotar nos grupos de mulheres</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Teatro; Cinema</li> <li>- Pintura;</li> <li>- Musicoterapia;</li> <li>- Dança / improviso</li> <li>- Artesanato / geração de renda</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Rede de atenção à saúde</b></p>	<p><b>O que podemos aprender com os CAPS?</b> Como está sua interação com os outros dispositivos de saúde da sua área de atuação?</p>

	<p>A presença do profissional oficinairo, e em algumas equipes também do profissional das artes tem um papel crucial no cuidado aos usuários, na medida em que através da arte e da cultura esses profissionais conseguem trabalhar o acolhimento, a reabilitação psicossocial, produção de vida, inserção no território e até mesmo geração de renda, ações fundamentais para que os usuários estejam no protagonismo da própria vida.</p> <p>Por que não aproximar esses profissionais da Atenção Primária?</p>
--	---

## REFERÊNCIAS:

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade (Feminismos Plurais)**. São Paulo: Pólen, 2018.

Disponível em:

[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade\\_\(Feminismos\\_Plurais\)\\_-\\_Carla\\_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359). Acesso em: 03/10/2024.

ALLEONI, N. V. **Entre rastros, laços e traços: o corpo, suas memórias e um processo criativo em dança**. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, São Paulo, 2013. Disponível em:

[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_2ea075c69d812010b3c07335b0b1f016/Description](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_2ea075c69d812010b3c07335b0b1f016/Description). Acesso em: 03/10/2024.

ASSUNÇÃO, N. M. R. G. A. Orientalismos na História da Dança do Ventre. **Revista de História - UFBA**. Rio Grande do Sul, v. 10, n. 2, p. 1-15, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/rhufba/article/view/52437/28355>. Acesso em: 22/10/2024.

ASSUNÇÃO, N. M. R. G. A. **As origens da Dança do Ventre: perspectivas críticas e orientalismo**. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/223999/001127838.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22/10/2024.

BAPTISTA, T. S. **A Dança do Ventre: movimento e expressão**. Dissertação de Mestrado - Mestrado em Educação Física, Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2018. Disponível em:

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39136/tde-21012020-141043/pt-br.php>. Acesso em: 23/10/2024.

BISPO, F. S. Escrivência como metodologia de pesquisa em psicanálise. **Ágora: Estudos em teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro, v. 26, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1809-4414-2023-016>. Acesso em: 10/11/2024.

BRASIL. **Lei 14.887, de 12 de junho de 2024**. Altera a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), para estabelecer prioridade na assistência à mulher em situação de violência doméstica e familiar, e a Lei nº 13.239, de 30 de dezembro de 2015, para determinar que a mulher vítima de violência tenha atendimento prioritário para a cirurgia plástica reparadora entre os casos de mesma gravidade. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2024. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2024/lei/L14887.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14887.htm). Acesso em: 03/11/2024.

BRASIL. **Portaria 2.488, de 21 de outubro de 2011**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2011. Disponível em:

[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2488\\_21\\_10\\_2011.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2488_21_10_2011.html). Acesso em:

03/11/2024.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas**. Pernambuco, v.1, 2020. Disponível em:

<https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em: 05/10/2024.

CARNEIRO, S. Mulheres negras e poder: um ensaio sobre a ausência. **Observatório Brasil da igualdade de gênero**. Brasília, p. 50-55, 2009. Disponível em:

[https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/item/biblioteca/bsc\\_001079](https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/item/biblioteca/bsc_001079). Acesso em: 28/11/2024.

CARNEIRO, S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de Doutorado - Doutorado em Filosofia da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em:

<https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 28/12/2024.

CNN Brasil. Jovem é morta a facada no Centro do Rio de Janeiro e ex marido é suspeito: ‘Ela tinha medida protetiva, mas não adiantou, diz mãe. **[online]**. 2024. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/12/15/jovem-e-morta-a-facadas-no-centro-do-rio-e-ex-marido-e-suspeito.ghtml>>. Acesso em 06 jan 2025 a.

CNN Brasil. Homem é preso por matar a mulher e jogar o corpo dela em rio na Baixada Fluminense. **[online]**. 2024. Disponível

em:<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/12/15/jovem-e-morta-a-facadas-no-centro-do-rio-e-ex-marido-e-suspeito.ghtml>>. Acesso em: 06 jan 2025 b.

DIB, M. Mulheres árabes como odaliscas: uma imagem construída pelo orientalismo através da pintura. **Revista UFG**, São Paulo, v. 13, n. 11, 2011. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48395/23730>. Acesso em: 25/10/2024.

DIB, M. **Música árabe**: expressividade e sutileza. São Paulo: BibliASPA, 2010. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/439581625/Livro-Musica-Arabe-expressividade-e-sutileza-Marcia-Dibb-pdf>. Acesso em: 25/10/2024.

EVARISTO, C. **Escrevivência**: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 01/11/2024.

EPIRIO. Série histórica de agravos não transmissíveis. Notificação de Violência Interpessoal e autoprovocada. **[online]**. 2025. Disponível

em:<<https://epirio.svs.rio.br/painel/doencas-e-agravos-nao-transmissiveis/>>. Acesso em: 06 jan 2025.

FÉLIX, S. T. M. & GOMANE, M. C. P. Epistemicídio e norma epistêmica: nas encruzilhadas da desobediência. **Revista Ideação**. Bahia, n. 48, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/9242/8538>. Acesso em: 28/12/2024.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latinoamericano**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2020. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 08/11/2024.

GUIMARÃES, M. C. & PEDROZA, L. R. S. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. **Psicologia & Sociedade**. Recife, v. 27, n.2, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p256>. Acesso em: 13/10/2024.

JACINO, R. **Imó: panorama do pensamento negro brasileiro**. São Paulo: Editora Nefertiti, 2013. Disponível em: <https://kitabulivraria.wordpress.com/2013/01/11/imo-panorama-do-pensamento-negro-brasileiro/>. Acesso em: 28/12/2024.

JANSEN, R. C. Arteterapia na promoção da saúde mental: relato de experiência. **Revista de Enfermagem da UFPI**. Piauí, v. 10, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/805>. Acesso em: 13/10/2024.

LEITE, A. P. C. M. & SEIBT. A Dança do Ventre como autocuidado: respeito, acolhimento, reconhecimento. **Gênero da Amazônia**. Belém, n. 22, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13462>. Acesso em: 09/11/2024.

LISBOA, T. K. & ZUCCO, L. P. Os 15 anos da Lei Maria da Penha. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 30, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/86982/51579>. Acesso em: 22/10/2024.

MACHINESKI, G. G. O significado da atenção à mulher vítima de violência doméstica no contexto da Atenção Primária à Saúde. **Saúde em Debate**. Rio de Janeiro, v. 47, n. 139, 2023. Disponível em: <https://scielosp.org/article/sdeb/2023.v47n139/931-940/>. Acesso em: 29/09/2024.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 27/10/2024.

MOE, A. M. Beyond the belly: an appraisal of middle eastern dance (aka belly dance) as leisure. **Journal of Leisure Research**. v. 44, n. 2, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00222216.2012.11950262>. Acesso em: 06/12/2024.

NASCIMENTO, L. **Tudo nela é de se amar**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021. Disponível em: [https://ler.amazon.com.br/kp/embed?preview=inline&linkCode=kpd&ref\\_=k4w\\_oembed\\_AA\\_rG7Tc0Z4j8U9&asin=B08ZG6G46V&tag=0000001a-20&amazonDeviceType=A2CLFWBI](https://ler.amazon.com.br/kp/embed?preview=inline&linkCode=kpd&ref_=k4w_oembed_AA_rG7Tc0Z4j8U9&asin=B08ZG6G46V&tag=0000001a-20&amazonDeviceType=A2CLFWBI)

MVSE9N&from=Bookcard&reshareId=2W6MZ6QNH53NYS6JEDR&reshareChannel=sy stem. Acesso em: 18/11/2024.

PASSOS, R. G. Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial. **Revista em Pauta**. Rio de Janeiro, n. 45, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/47219>. Acesso em: 03/12/2024.

PIEIDADE, V. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2018. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/508622277/Dororidade-Vilma-Piedade>. Acesso em: 06/12/2024.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/37855/pdf>. Acesso em: 02/10/2024.

RAPOSO, P. Performando Orientalismos: do harém à primavera árabe. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 56, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/82468/85447>. Acesso em: 15/11/2024.

RIBEIRO, D. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos**. São Paulo, v. 13, n. 24, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>. Acesso em: 04/10/2024.

RIBEIRO, T. N. S. **Corposonoro**: uma proposta pedagógica para o ensino não formal da Dança do Ventre. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Dança, Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Departamento de Artes Cênicas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/22094/1/TNSR10022022.pdf>. Acesso em: 09/11/2024.

RODRIGUES, L. & BATTISTELLI, B. M. Pela produção de um cuidado antirracista: problematizando práticas, construindo recursos decoloniais. **Revista da ABPN**. Curitiba, v. 13, n. 37, 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/junio/Downloads/abpn,+Gerente+da+revista,+20-PELA+PRODU%C3%87%C3%83O+DE+UM+CUIDADO+ANTIRRACISTA\\_ABPN+pronto.pdf](file:///C:/Users/junio/Downloads/abpn,+Gerente+da+revista,+20-PELA+PRODU%C3%87%C3%83O+DE+UM+CUIDADO+ANTIRRACISTA_ABPN+pronto.pdf). Acesso em: 16/12/2024.

ROMAGNOLI, R. C. Várias Marias: efeitos da Lei Maria da Penha nas delegacias. **Fractal: Revista de Psicologia**. Niterói, v. 27, n. 2, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/N9MLKxsbFTGKSZbR5Fmgmff/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22/11/2024.

SAID, E. W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861897/mod\\_resource/content/1/said%20edward%20w%20-%20orientalismo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861897/mod_resource/content/1/said%20edward%20w%20-%20orientalismo.pdf). Acesso em: 29/10/2024.

SANTOS, L. É. O. Asé: a Elinga e a dança das Mulheres do Àse. **Revista Brasileira de**

**Estudos da Presença**, v. 10, n. 3, 2020. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1590/2237-266092149>. Acesso em: 26/12/2024.

SANTOS, A. B. Somos da Terra. **Piseagrama**. Belo Horizonte, n. 12, 2018. Disponível em:  
<https://piseagrama.org/artigos/somos-da-terra/>. Acesso em: 11/12/2024.

SILVA, R. B. **Um estudo de acompanhamento da vivência da dança do ventre como recurso terapêutico com mulheres mastectomizadas**. Tese de Doutorado, Doutorado em Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia clínica, Pontífice Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em:  
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15463>. Acesso em: 01/12/2024.

SILVA, R. M. P. S. Exu Senhor das encruzilhadas e possibilidades. **CONEDU**. Pernambuco, 2021. Disponível em:  
[https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO\\_COMPLETO\\_EV185\\_MD1\\_ID3977\\_TB4490\\_15112023123326.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD1_ID3977_TB4490_15112023123326.pdf). Acesso em: 26 dez 2024.

SILVA, V. G. & RIBEIRO, P. M. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da Atenção Primária à Saúde. **Escola Anna Nery**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/RXvRBqJz3x4dD3BmntHDCsK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29/10/2024.

SILVEIRA, M. B. O corpo como objeto e como lugar na Dança do Ventre: contribuições da somaestética. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**. Florianópolis, 2017. Disponível em:  
[https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498770254\\_ARQUIVO\\_OcorpocomoobjetoecomolugarnaDancadoVentre.pdf](https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498770254_ARQUIVO_OcorpocomoobjetoecomolugarnaDancadoVentre.pdf). Acesso em: 09/12/2024.

SOUSA, J. **Lélia Gonzalez**: relações raciais brasileiras no abebé de Oxum. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2024. Disponível em:  
<https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/SERAFRO/article/download/20519/14041/>. Acesso em: 07/12/2024.

UOL. Mulher é agredida e vítima de homofobia em ônibus no Rio de Janeiro. **[online]**. 2024. Disponível em:<<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/07/13/mulher-e-agredida-e-vitima-de-homofobia-em-onibus-no-rio-de-janeiro.htm>>. Acesso em: 06 jan. 2024.

